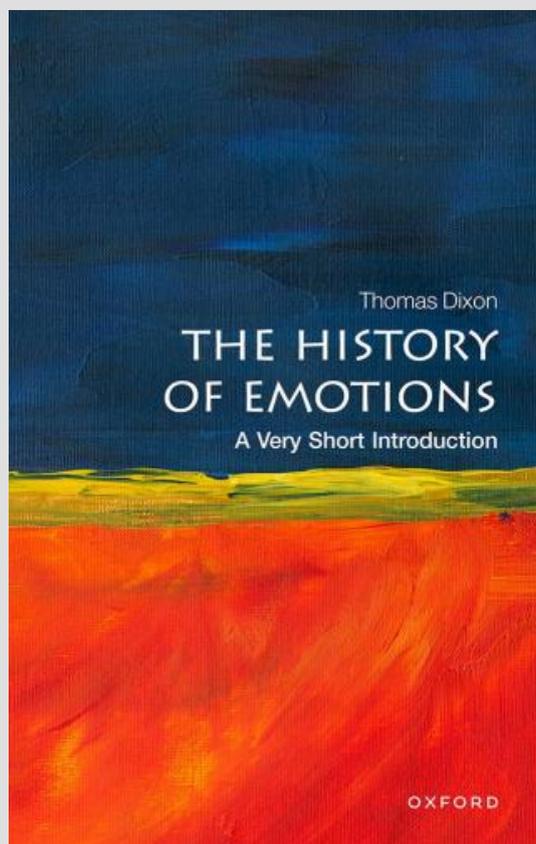


RESENHA DE: “THE HISTORY OF EMOTIONS: A VERY SHORT INTRODUCTION” POR RENAN PEROZINI GOMES BARROZO

Review of: “The History of Emotions: A Very Short Introduction” By Renan Perozini Gomes Barrozo

Renan Perozini Gomes Barrozo
Doutorando em História Social pelo PPGHIS da UFRJ.
Membro do Laboratório de Teoria e História das Mídias Medievais (LATHIMM) UFRJ.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8669-4327>
E-mail: : renangomespb@gmail.com

Recebido em: 31/08/2023
Aprovado em: 04/09/2023



DIXON, Thomas. The History of Emotions: A Very Short Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2023.

Publicado em 2023 pela Oxford University Press, o livro *The History of Emotion: Very Short Introduction* é resultado de um processo de construção, escrito por vários especialistas e compilada por Thomas Dixon como uma introdução à vários espectros do campo das ciências como filosofia, história americana e psicologia. A obra leva em consideração a experiência e as pesquisas do autor em História das Emoções. Entre suas preocupações, abordar as emoções para compreensão das sociedades ocidentais é o marco central. Suas pesquisas possuem matrizes que remontam ao Período Clássico da Antiguidade, o papel do cristianismo e o Renascimento, mas ao se aprofundar nos diferentes temas, vai mergulhar em intelectuais e pesquisadores dos séculos XVI até o XXI. Além disso, seus estudos são baseados em questões como a linguagem e o uso de certas terminologias, as dimensões morais e médicas dos sentimentos.

Thomas Dixon é professor de História das Emoções no Queen Mary Centre for the History of the Emotions, dando continuidade à sua tese de doutorado sobre as emoções em textos teológicos do período medieval, iniciada na Faculty of Divinity in Cambridge, cujo objetivo era analisar a diferença entre paixões da alma e emoções. Embora transite pela matriz cultural ocidental, o enfoque dado pelo autor foi a tentativa de escapar aos estudos vinculados ao recorte da Europa e América do Norte, visando analisar as emoções por outro viés e comparando com a matriz cultural do Ocidente.

A obra está estruturada em seis capítulos e um apêndice final em que o autor discorre sobre problemas futuros e possibilidades de pesquisa. Os capítulos se dividem em dois grupos, os três primeiros têm como objetivo estabelecer as bases teóricas para se pensar e analisar as emoções, cada um com um viés. Os capítulos finais abordam a aplicação das metodologias e uma breve análise histórica e introdutória de casos variados a partir de fontes de natureza diversa, incluindo manuais médicos, textos literários, teológicos, filosóficos, voltando-se para algumas emoções chave.

No primeiro deles, intitulado *The pulse of the past* o autor propõe uma análise da história da compreensão sobre as emoções e o que elas são. O ponto inicial para sua discussão é destacar o papel das emoções a partir da experiência com o mundo, em diferentes sociedades, destacando os variados processos de relação e construção social, que a partir do viés sentimental, dão sentido à história "the personal loves and losses, joys and griefs of important figures are used to add colour to historical accounts." (DIXON, 2023, p. 1-2). Tendo como norte a reflexão inicial, o autor toma como objeto de análise

o momento em que a história das emoções emerge como campo do saber, retornando à análise do mundo durante a Revolução Francesa.

Tomando como ponto de partida a Revolução, Dixon faz uso de dramas/romances como fontes históricas. Analisa os indícios que elas proporcionam e destaca um ponto inicial para estudiosos das emoções em temporalidades recuadas, a centralidade do papel da escrita "for the most part, historians encounter the passions and feelings of the past in the form of words." (DIXON, 2023, p. 3.). A partir da inserção desse elemento, o autor sugere que por estarem escritas, torna-se necessário levar em consideração o momento em que foi registrado, aquele que escreveu, seu objetivo, afinal, pode ser um tratado médico ou um jornal sensacionalista, a depender da natureza da fonte, atribuíra-se um sentido diferente para a emoção mobilizada.

Dessa forma, um dos maiores desafios destacados pelo autor é a leitura historicamente informada, ou seja, por vezes, a emoção vai parecer não marcar sua presença, porém, sinais exteriores serão visíveis, refletindo-as, tornando-as possíveis de serem observadas. Este é o trabalho central do historiador das emoções. Dixon chama a atenção para as discussões propostas por Febvre na década de 1940, a respeito da utilização de ciências modernas para compreensão das experiências individuais do passado, em especial, via História das Emoções. Embora o campo não tenha avançado com o autor, ele sugere que compreender as emoções de um período significa analisar os sistemas sociais e linguísticos, pois ao passo que a sociedade se transforma e novas relações sociais, psicológicas, afetivas emergem, as emoções se transformam e adquirem novos significados e novos associativos linguísticos.

Após realizar um exercício teórico, Dixon discute a aplicabilidade de elementos metodológicos e chama a atenção para necessidade de compreendermos as emoções em um contexto histórico, através de suas expressões. O primeiro elemento importante, é o cuidado para não projetarmos nossas emoções em outras temporalidades. A necessidade de compreender as palavras e significados disponíveis para uma época incorre em uma demanda para o historiador das emoções. O segundo instrumento é utilizado desde que os primeiros textos científicos passaram a abordar a temática das emoções se refere a sua expressividade no corpo humano. Emoções e expressões devem ser categorizadas de forma diacrônica. Portanto, o comportamento corporal diante de uma situação ocasiona um estado de expressividade emocional.

Por fim, o autor aborda a diferença de gênero entre razão e emoção, uma das mais antigas teses já formuladas e cristalizadas, que associaram as mulheres ao emocional e os homens, ao racional. A partir dos estudos de Audre Lorde, Dixon notou que para afirmar que os homens, por estarem aprendendo que precisavam reprimir suas emoções e ter mulheres por perto para sentir por eles, não estavam apenas prejudicando elas, mas também a si próprios, ao passo que eram obrigados a reprimir todos os seus sentimentos, causando danos psicológicos que levam a violência e hostilidades. Essa barreira teria sido rompida a partir da Primeira Guerra, pois algumas evidências demonstram que homens podem ficar em estado de apavoramento e medo assim como mulheres. Por fim, defende que reações emocionais não são irracionais, "the emotional reaction of terror, as a negative value judgement about the impending possible destruction of one's home by a bombing raid, surely seems quite a rational and intelligent one" (DIXON, 2023, p. 17.) são na verdade, mecanismos de compreensão da experiência externa ao corpo, portanto, são racionais e bastante inteligentes.

No segundo capítulo *A map of woe*, Dixon propõe uma metodologia de análise possível para pensar as emoções em diferentes sociedades. O chamativo para esse capítulo é partir do princípio de que as emoções, por mais amplas que as palavras possam ser para descrevê-las, são inúmeras, muitos são os significados e o que o autor sugere é que "all our emotions are produced by a body and a historically situated culture working together" (DIXON, 2023, p. 23.). Portanto, por mais que tentemos definir as bases emocionais, elas são históricas e sua expressividade está articulada com a matriz cultural em que é experimentada. Essa noção corrobora com a negativa de que existem emoções base.

Um dos principais elementos da estruturação do capítulo é a análise crítica da noção que a contemporaneidade estabeleceu de emoções base. O autor discute a forma como o filme *Inside Out*, que no Brasil foi traduzido como *Divertidamente*, representa a noção de emoções base, cujas memórias e as ilhas de personalidades são parte da nossa formação psicológica e a tristeza adquire papel central. Segundo autor, essa ideia das emoções base se baseia nos estudos de Paul Ekman, na década de 1970, que em seus trabalhos também contavam com surpresa e desprezo.

Dessa forma, o autor demonstra que a compreensão teórica de uma época é capaz de produzir reflexos nas fontes. Como a ciência médica do período renascentista ao afirmar que as emoções eram mais suscetíveis a mulheres e crianças, elemento que passou

a marcar presença em obras literárias. Além disso, sugere que certas palavras emocionais possuem associação com determinadas condições sociais. Tristeza nórdica seria o equivalente a falta de algo. Para o autor, é fundamental a utilização de especialistas no assunto, presentes no contexto histórico, para compreensão da época. Sendo assim, Dixon parte das obras de Santo Agostinho, ressaltando o papel da tristeza e a sua relação com a expressividade da lágrima, além de detalhar que o caminho para Cidade de Deus é experimentado através de diversas emoções.

Já os autores do século XIX passam a analisar a melancolia e tristeza a partir de um prisma negativo, aqueles cuja influência cristã se fazia presente e o papel dessa emotividade foi definido a partir de uma lógica de pecado. De toda maneira, os estudos passaram por grandes transformações no século XX e atualmente, a psiquiatria apresenta um novo papel para essas emotividades "the most recent innovations in psychiatric thought have taken a 'trauma-informed' approach, exploring the lasting emotional impact of adverse childhood experiences of neglect, discrimination, and abuse." (DIXON, 2023, p. 39.). Os estudos mais recentes destacam que o papel da infância e os traumas vividos nesse período ajudam a modelar as emoções. Ademais, o autor sugere que desde a antiguidade, ressignificamos sentimentos e expressões corporais e as formas como lidamos com elas, isso sugere que a própria depressão, que acomete muitas pessoas na sociedade atual, apresenta variadas formas.

Por fim, sua grande contribuição, com base nesse levantamento, é a ideia de que sentimentos podem ser experimentados a partir de diversas características, seus aspectos químicos e psíquicos são relevantes, mas pensar nessas emoções sem levar em conta a sua expressividade histórica é reduzir seu significado "painful feelings can be experienced as a passing low mood, or as a sad fact about their inborn temperament by some, or as a symptom of an illness, or of a spiritual crisis by others" (DIXON, 2023, p. 40.). Dessa forma, destaca-se o papel da fluidez emocional que é impossível de ser mapeada, afinal, diferentes indivíduos em diferentes contextos a experimentam de forma variada. É impossível universalizar as emoções.

Encerrando a primeira parte, no terceiro capítulo *from passions to emojis*, o autor discute sobre a expressividade social das emoções e a sua relevância para compreensão performativa dos sentimentos. Seu argumento inicial parte de um pedido de desculpas da cantora Adele para levantar a seguinte questão: os historiadores do futuro analisarão os

emojis como rituais públicos de desculpas de uma época? Além dos emojis, é importante que o historiador tenha ciência das palavras, suas funções, 'I'm so sorry,' 'I'm gutted,' 'I'm so upset,' 'I'm really embarrassed" (DIXON, 2023, p. 42.). Isso diz muito a respeito de sua metodologia. Compreender as palavras em seus contextos como chaves emocionais é um dos elementos norteadores de sua abordagem teórica. O autor salienta que um grande desafio do historiador das emoções é a forma como elas significam alguma emotividade e quando elas deixam de atribuir sentido. Esse mapeamento é tarefa necessária para que se produza História das Emoções. Rastrear os momentos em que perdem seu significado emocional é tarefa fundamental do analista das emoções.

Nesse sentido, Dixon chamou de atos performativos aqueles que tem por objetivo não informar algo, mas modificar o pensamento de alguém "in other words, they are utterances which are not intended to convey factual information, in the manner of a bald factual statement such as 'Beijing is the capital of China.' Instead a performative's main aim is to modify the thoughts and behaviour of other people." (DIXON, 2023, p. 44.). Tendo como base o trabalho de Willian Reddy, o autor sustenta a ideia de que os emotivos ajudam o historiador identificar a função social que a linguagem emotiva está cumprindo ao ser mobilizada. Além das discussões propostas por Reddy, o Dixon elenca o conceito de *comunidades emocionais*, de Barbara Rosenwein, entendidos pela autora como sistemas de valores e significados compartilhados. Assim, a dimensão social e histórica que uma emoção do passado exprime. Portanto, ao aprender uma palavra emocional, as crianças não o fazem a partir de dicionários, mas dos seus contatos, falar e escrever sobre emoções são maneiras de gerenciar e estabelecer relações sociais.

Outro importante exercício teórico que o autor propõe é a ideia de que a expressão das emoções não pode ser limitada apenas ao verbal, associando, portanto, os estados performativos de uma emoção, podendo se filiar a expressividade corporal "emotions are frequently social performances, involving multiple learned non-verbal elements, whether the state of feeling is authentically represented by them or not" (DIXON, 2023, p. 56.). Elas não precisam ser entendidas da maneira sincera ou a partir de uma inverdade, mas são elementos que compõe um conjunto de significados. Uma relevante questão levantada pelo autor é que independente da sociedade em que uma expressividade facial ou corporal é performada, ela precisa ser analisada em seu horizonte social, não a partir de pressupostos universais.

A partir da reflexão teórica e histórica realizada nos primeiros três capítulos, Thomas Dixon navega de maneira breve e introdutória já na tríade de capítulos seguintes, definindo uma emoção norteadora para cada um. O quarto capítulo tem como norte a felicidade. Nessa discussão, o autor parte de perguntas presentes no questionário do *Office for National Statistics as part of their Annual Population Survey*, que faz parte de um relatório anual cujo objetivo é medir a felicidade dos cidadãos britânicos e diminuir as ansiedades, destacando o papel positivo que a emoção possui no mundo contemporâneo.

Ao realizar um mapeamento do contexto em que as emoções se tornam evidências de estatísticas de estado, o autor retorna ao século XVIII, destacando o papel das revoluções burguesas e suas constituições como símbolos de felicidade, que foram seguidas por movimentos de violência "we can trace its origins back to the politics and culture of the 18th century, when emotions and politics were starting to take on their modern shape." (DIXON, 2023, p. 64.) O século XVIII constituiu a base de um momento cuja sensibilidade se tornou fundamental, felicidade e terror passaram a figurar como elementos chaves da esfera social, especialmente quando analisados aspectos da vida, como teatro, reações e a simpatia humana. A noção de felicidade humana e universal criou convenções sociais que obrigavam pessoas a sorrir, demonstrarem alegria diante de submissão, mascarando a dor.

Ao realizar um estudo de caso, autor parte dos pressupostos filosóficos de Bentham, cuja perspectiva determina que felicidade equivale a superação dos prazeres em relação as dores. Em outro exemplo, tendo como base os escritos de Benjamin Franklin, no contexto de fundação dos Estados Unidos, o autor sugere que a noção de felicidade era vista como "Happiness" in 1776 was the ability to pursue prosperity through the solid and sober exercise of reason and virtue" (DIXON, 2023, p. 67.). Ao comparar o caso americano com o francês, Dixon nos mostra que as formas de felicidade na França revolucionária, em um mesmo recorte temporal que o caso estadunidense, demarca uma clara diferença nas perspectivas e contenção. Além de realizar um exame prévio de como era vista a felicidade a partir da palavra entusiasmo, que nos séculos XVII e XVIII estavam associadas ao culto protestante anabatista, como um culto quente e aos quakers.

Por fim, Dixon discute o papel do sorriso e as suas diferentes performances na França, tendo o ritual de demonstrar os dentes como um ato de grosseria que a partir da metade do século XVIII, passou por transformações. Assim, no período da Revolução, o

sorriso foi ressignificado como um indicativo de desafio. Outro significado do sorriso, explorado por Dixon, baseia-se no ensaio de Mary Wollstonecraft, em uma reivindicação dos direitos da mulher, cuja filósofa levanta o problema do seu significado como sinal de submissão a um marido, cuja gentileza deveria ser um aspecto social da feminilidade. Por fim, os séculos XX e XXI inauguram uma nova forma de performar a emotividade a partir do sorriso, que se tornou elemento central no processo de fazer o cliente se sentir bem, estando conectado a uma sociedade capitalista.

No quinto capítulo o autor vai explorar a raiva e afirmar que foi um dos primeiros temas a ser estudado na História das Emoções, tendo assumido a perspectiva de controle emocional, ou seja, necessidade de controlar a raiva. O ponto central da discussão é a desconsideração da lógica das emoções base, cuja ira é o sentimento mais presente nas listas e a perspectiva dos diferentes momentos em que a ira aparece. Nesse sentido, o objetivo do autor é discorrer sobre os correlatos da ira e discutir quando são emotividades. Um ponto importante para construção de seu argumento se baseia nos estudos de Rosenwein, pois demonstra que a palavra latina para ira é traduzida, muitas vezes como raiva, no sentido moderno, quando sua melhor tradução seria ira ou vingança. Portanto, o primeiro elemento necessário para um estudo da ira seria a sua diferenciação da raiva. A primeira poderia ser vista a partir de uma perspectiva de vingança, má, as vezes pecaminosa, enquanto a raiva é resultado de uma explosividade física, segundo os manuais modernos.

Dessa maneira, o autor vai mapear diferentes significados da ira/raiva em contextos históricos distintos. Sua análise se inicia com a concepção de *orge*, definindo a raiva como um elemento social, como fonte de dor, violência sangrenta e prazer intenso. *Orge* para Aristóteles se baseava em quatro pilares: um julgamento que um amigo foi ferido ou insultado, a sensação de dor, impulso de vingança e sensação de prazer em se vingar. que demarca uma diferença entre o sentimento naquele contexto e no sentido moderno como sinônimo do prazer.

No contexto do século IX, o autor sugere que há a possibilidade da ira ser implementada como uma virtude "however, if exercised proportionately, by someone with legitimate authority, and in pursuit of worldly or divine justice, wrath could be virtuous." (DIXON, 2023, p. 91.). Desde que utilizada por alguém imbuído de autoridade legal para estabelecimento da ordem. Portanto, os sacerdotes medievais poderiam orar

para que a ira fosse usada contra seus inimigos, a justa ira de Deus era empregada no livro sagrado "according to the Bible, the righteous wrath of God was also connected with God's desire for exclusivity in relation to his chosen people" (DIXON, 2023, p. 91.).

Para pensar a concepção atrelada ao papel de gênero, o autor realiza uma discussão a respeito da ideia de que a raiva se constituiu historicamente como um instinto masculino, incontável que justifica certas ações. Esse processo se desenvolveu ao longo dos séculos e a partir do XIX, foi atribuído a um aspecto evolutivo natural do ser humano, que serviu de base para a ideia de que homens brancos era menos emotivos do que os demais grupos, justificando sua superioridade evolutiva em relação aos demais. Assim, as expressões emocionais dos nativos americanos eram vistas como traços de selvageria. Esse aspecto se referia também a outros grupos étnicos, como os chineses, que no século XX foram descritos a partir de uma lógica ocidental por pregadores protestantes "One Protestant missionary to China in the early 20th century wrote he had been privileged to see the 'hard, emotionless Chinese face as it glowed with the joy that illumines him who knows that Christ is his Saviour'." (DIXON, 2023, p. 99.) assim, Cristo cumpriram a função de alegrar o coração e salvar aquele indivíduo de rosto duro e sem emoção.

No último capítulo, intitulado *Looking for love*, o autor trabalha com o conceito do amor e a sua relevância para as sociedades ocidentais, levando-se em consideração os preceitos cristãos e seu papel na formação da matriz cultural do Ocidente. Dixon faz um breve balanço dos termos utilizados a partir de Paulo, sendo *ágape* para o grego e *caritas* para o latim, mas que pode ser verificado, através de sua politização nos protestos de Montgomery, liderados por Martin Luther King. A partir dessa reflexão, o autor discute três definições conceituais para o amor: *eros*, *philia* e *ágape*. *Eros* tem sua discussão em Platão, como o amor pela beleza, um anseio da alma, traduzido para o mundo moderno como um amor romântico. *Philia* seria o amor de amigos, um sentimento fundamental para manutenção da amizade. Enquanto *ágape* seria aquela forma de amor em que há transbordo, nada é solicitado em troca. Em suma, *ágape* seria um amor determinado, um compromisso duradouro.

A partir da ideia estabelecida ao longo do século XX e criticada nos capítulos anteriores a respeito das emoções base, em especial fundamentados pelos estudos de Paul Ekman, constituiu-se um problema para o estudo do amor, tendo em vista que a noção

ocidental é acompanhada de valores morais. Manter uma vida ligada ao ideal de *caritas*, no sentido cristão, era uma missão muito árdua. A partir dos séculos XVII e XVIII a ideia de caridade adquiriu um novo significado, associada a noção de piedade ou simpatia pelos menos afortunados.

Por fim, outro elemento de relevância discutido ao longo do capítulo é a relação entre o amor e os relacionamentos. A análise de Dixon contempla a ideia de que ao longo do século XIX, através das diversas mudanças ocorridas nas sociedades europeias, como a expansão da urbanização e da classe média, o amor romântico se tornou a matriz dos relacionamentos. "they wanted to 'fall in love' with the man or woman of their dreams, rather than to marry first, hoping love might follow later. " (DIXON, 2023, p. 116)

Ao fim do livro, o autor discute uma das importantes funções do historiador das emoções, propondo a ideia de que os sentimentos podem ser performados através de rituais culturais diferentes, em diversos contextos sociais e históricos, destacando o valor mutável das representações sentimentais. Nesse sentido, torna-se extremamente relevante o estudo da História das Emoções visando fornecer instrumentos para analisarmos as diferentes relações sociais e maneiras de experimentar o mundo. Além disso, destaca-se a importância de ser uma ferramenta para compreendermos que mesmo em categorias que aparentemente podem ser vistas como imutáveis, como as emoções, na verdade fazem parte de um espectro de construções que estão sujeitas a diferentes transformações. Portanto, a História das Emoções nos mostra a relevância de se rejeitar modelos universalizantes.